



A LEPRA NA HISTÓRIA

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO

12 SET A 27 OUT

CASA MUNICIPAL DA CULTURA DE COIMBRA
GALERIA PINHO DINIS

CÂMARA MUNICIPAL
DE
COIMBRA



BIBLIOTECA
MUNICIPAL
DE COIMBRA

DESDE 1922

NO  DA
CIDADE
A LER
CONSIGO

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

A lepra na história

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Coimbra
2023

COORDENAÇÃO

Dina de Sousa

TEXTOS E SELEÇÃO DE DOCUMENTOS

Inês Moura, Paula França, Soraia Pimentel

CONCEÇÃO E MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO

Ángelo Marques, António Fresco, António Marques, José Malaguerra



A LEPRA NA HISTÓRIA

CASA MUNICIPAL DA CULTURA DE COIMBRA
GALERIA PINHO DINIS

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO



CÂMARA MUNICIPAL
DE
COIMBRA

DEPARTAMENTO DE CULTURA E TURISMO
DIVISÃO DE BIBLIOTECAS E ARQUIVO HISTÓRICO
ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE COIMBRA

A LEPRA NA HISTÓRIA

APRESENTAÇÃO

Na Idade Média, a lepra assumiu um papel importante na Europa Ocidental, enquanto doença endémica em desenvolvimento e mobilizadora de importantes medidas de profilaxia.

O desconhecimento para o seu tratamento, gerou sofrimento, estigmas, conduzindo a uma marginalização social, para além de ser entendida como uma doença hereditária. No passado, para o acolhimento dos doentes e de forma a evitar o seu contágio, foram criadas as gafarias, instituições que normalmente, se localizavam fora de portas.

Assim, em 1210, D. Sancho I, deixa no seu testamento, 10 000 morabitinos, destinados à edificação de uma gafaria em Coimbra.

A cidade encontrar-se-ia, em pouco tempo, dotada de uma construção de carácter assistencial, capaz de auxiliar os leprosos, assegurando-lhes abrigo, alimentação e a inclusão numa comunidade, que embora, se encontrasse distante da sociedade dita saudável, não estaria totalmente afastada, tendo ainda um papel ativo na administração do Hospital de São Lázaro.

CONFERÊNCIAS

Numa reflexão sobre uma memória distante ou esquecida da história portuguesa, a exposição pretende redescobrir duas instituições de carácter assistencial, importantes em alturas distintas da História, contando com duas conferências de quem melhor

Na Época Contemporânea, em consequência do aparecimento das novas noções de saúde pública, higiene, epidemiologia e depois da identificação da lepra como doença infetocontagiosa, através da descoberta do bacilo pelo médico norueguês Gerhard Hansen, em 1873, podemos dizer que a idealização/conceção do Hospital Colónia Rovisco Pais (Tocha – Cantanhede), surge como um espaço de “medicalização da doença”.

Neste sentido, é importante conhecer a História desta importante instituição, não esquecendo, as memórias de quem de perto lá viveu, trabalhou ou visitou.

Assim, o discurso expositivo conta com alguma documentação da Divisão de Bibliotecas e Arquivo Histórico, acolhendo também a exposição “Hansen Stories”. Esta, remete o visitante para um conjunto de memórias, contadas na primeira pessoa, que compartilharam o mesmo espaço, a última e única Leprosaria Nacional. Situava-se próximo das regiões mais endémicas, os distritos de Leiria, Coimbra e Aveiro e foi um projeto orientado pelo Dr. José Alberto Faria (Diretor-Geral da Saúde), pelo arquiteto Carlos Ramos e pelo Professor Bissaya Barreto.

as conhece, duas investigadores (Dra. Ana Rita Rocha e Dra. Cristina Nogueira) que inauguram a exposição com as suas intervenções na Casa Municipal da Cultura de Coimbra, Sala Sá de Miranda.

CUIDAR DOS LEPROSOS NA IDADE MÉDIA: O HOSPITAL DE S. LÁZARO NO CONTEXTO ASSISTENCIAL DE COIMBRA

Ana Rita Rocha¹

SINOPSE

Em 1210, D. Sancho I deixou, no seu testamento, 10 000 morabitanos para a fundação de uma gafaria na cidade de Coimbra, incumbindo o abade de Alcobaça dessa tarefa. Em poucos anos, os leprosos da cidade passaram a dispor de uma estrutura assistencial que lhes garantia abrigo, alimentação e integração numa comunidade que, embora afastada da sociedade sã, não estava completamente excluída e tinha ainda um papel interventivo na gestão da instituição hospitalar onde residia. No ano em que o Hospital de S. Lázaro, como era conhecida a gafaria, foi fundado, Coimbra já dispunha de outros hospitais e albergarias que prestavam assistência aos pobres, doentes e peregrinos. Um número que aumentou ao longo do

tempo, desenhando-se uma “rede” de instituições que prestavam cuidados do corpo e da alma àqueles que a elas acorriam.

Nesta intervenção, temos por objetivo dar a conhecer a história da gafaria ou Hospital de S. Lázaro de Coimbra, entre o século XIII e inícios do XVI, integrando-a no contexto assistencial da cidade. Para isso, pretendemos responder às seguintes questões: Como e onde eram assistidos os pobres, doentes e peregrinos em Coimbra? Em que contexto surgiu a gafaria? Quem eram os leprosos assistidos na instituição? Que cuidados se prestavam aos doentes neste hospital? De que meios e influência dispunha o Hospital de S. Lázaro para cumprir os seus objetivos assistenciais?

¹ Ana Rita Rocha é investigadora no projeto VINCULUM, sediado no Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa, e é professora auxiliar convidada na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Doutorada em História Medieval (FLUC, 2019), com uma tese sobre a assistência em Coimbra na Idade Média, e mestre em História da Idade Média (FLUC, 2011), com uma dissertação sobre o hospital de S. Lázaro de Coimbra nos séculos XIII a XV. É investigadora integrada no Instituto de Estudos Medievais e colaboradora no Centro de História da Sociedade e da Cultura. Investiga os temas da vinculação (morgadios e capelas), da pobreza e da caridade, da assistência aos pobres e doentes em Coimbra e da lepra e dos leprosos na Idade Média.

VALORIZAR E (RE) DESCOBRIR O HOSPITAL COLÓNIA ROVISCO PAIS

Cristina Nogueira²

SINOPSE

O Hospital Colónia Rovisco Pais (HCRP) foi inaugurado em 1947, na Tocha, concelho de Cantanhede, e adotou o nome do benemérito que, ao deixar a sua herança aos Hospitais Civis de Lisboa, possibilitou a sua construção.

Situado numa área com 140 hectares, o Hospital Colónia Rovisco Pais foi uma autêntica aldeia terapêutica, com capacidade para internamento de cerca de 1.000 doentes. Materializou uma resposta qualificada do Estado na assistência a estes doentes, que não tinham vagas suficientes nas enfermarias que lhes estavam destinadas em Lisboa e no Porto e que não eram admitidos em outros hospitais. Constituiu a única unidade nacional de assistência médico-social e de investigação, construída de raiz, inteiramente dedicada a hanseníase (lepra), em Portugal durante quase 40 anos. Promovia a profilaxia, oferecia vigilância e tratamento médico e cirúrgico, apoio social ao paciente e seus familiares, assim como a reabilitação através da fisioterapia, da cirurgia plástica, da ergoterapia e ludoterapia. Funcionava como dispensário central, e possuía um hospital, asilos para idosos ou inválidos, pavilhões para doentes em estado intermédio, pequenos bairros para doentes da mesma família, capela, creche e preventório para crianças sãs e bairro residencial para funcionários.

Sendo o epicentro da Luta contra a Lepra em Portugal, o Hospital Colónia Rovisco Pais dispunha de um conjunto de serviços especializados criados para tratamento e estudo da Doença de Hansen em que se incluíam, além dos serviços internos, serviços externos como as brigadas móveis, que percorriam o país, para fazer o diagnóstico de novos casos, ou a enfermagem domiciliária que fazia o acompanhamento dos doentes externos.

Entre 1947 e 1976, o internamento obrigatório, que era apenas imposto aos casos contagiantes, contou com a sulfonoterapia, adoptada logo na primeira década de ativi-

dade do antigo Hospital. Mas, em Portugal, a forma clínica prevalente era a lepra Lepromatosa, a variante mais contagiosa e crónica. Quando o Hospital Colónia Rovisco Pais iniciou o seu funcionamento, em 1947, eram conhecidos 867 doentes, mas sua ação permitiu conhecer e acompanhar 2.760 doentes, conter o número de casos até à adoção da poliquimioterapia e integração no Serviço Nacional de Saúde na década de 1980.

A conceção deste Hospital deve ser entendida num contexto de “medicalização da doença”, decorrente das novas noções de saúde pública, higiene e epidemiologia surgidas a partir do século XIX, e da classificação da lepra como doença infetocontagiosa, após a descoberta do bacilo pelo médico norueguês Gerhard Hansen, em 1873. Enquadra-se também nas orientações internacionais que sugeriam o isolamento dos doentes como forma de contenção do contágio, enquanto não era conhecida e se generalizou a solução terapêutica para a cura da doença.

A presente comunicação resulta da investigação iniciada no projeto de conceção do Núcleo Museológico do Hospital Colónia Rovisco Pais, espaço que se enquadra na estratégia holística de gestão do património do antigo hospital assumida pelo Centro de Medicina de Reabilitação da Região Centro — Rovisco Pais (CMRRC-RP), e que, desde 2017, tem sido apoiada pela fundação japonesa Sasakawa Health Foundation.

No decurso daquele projeto fomos impelidos a reequacionar o papel e a atividade desenvolvida pelo antigo Hospital como resultado da reflexão suscitada pela análise fontes inéditas. O objetivo da comunicação será precisamente partilhar os principais marcos deste percurso, bem como as conclusões identificadas durante a redescoberta do HCRP, processo que incluiu a recolha de testemunhos orais que deu origem ao site e exposição Hansen Stories.

² Cristina Nogueira é licenciada em História, com especialização em Ciências da Informação (FLUC) e Gestão do Património Cultural (CBSP) e ao longo dos últimos vinte anos tem desenvolvido a sua atividade profissional em áreas como a formação e educação, investigação histórica, arquivística e museologia em diversas instituições. Foi autora de diversos livros e de textos em catálogos de exposições no domínio da história da saúde. Fundadora da CulturAge, nos últimos anos tem trabalhado também na área da consultoria e gestão do património cultural. Desde 2017 que colabora com o Centro de Medicina de Reabilitação da Região Centro – Rovisco Pais na salvaguarda e revitalização do património cultural do antigo Hospital Colónia Rovisco Pais sendo curadora do respetivo Núcleo Museológico.

A LEPRA NA HISTÓRIA E NA CIDADE DE COIMBRA

■ A LEPRA

A **lepra** é uma doença que se caracteriza por afetar os nervos periféricos, a pele e as mucosas do trato respiratório superior. Os seus principais sintomas são: lesões cutâneas, polimórficas anestésicas e neuropatia periférica. É considerada uma doença crónica e infeto-contagiosa provocada pelo bacilo álcool-ácido resistente *Mycobacterium leprae*, sendo que se caracteriza por ter um longo período de incubação (cinco ou mais anos), o que acaba por tornar difícil o seu diagnóstico e controlo (Nogueira, 2022, p.23).

A doença pode apresentar dois tipos clínicos: lepromatosa ou tuberculoide. O primeiro tipo caracteriza-se por ser contagioso e mutilante, apresentando um prognóstico grave. Já o tipo tuberculoide, é pouco ou nada contagioso, sendo que se manifesta maioritariamente através de placas despigmentadas insensíveis e várias paralisias (Nogueira, 2022, p.24).

Atualmente, a lepra é designada de outras formas, como *Hanseníase* ou *doença de hansen*. No entanto, na Idade Média eram diversas as designações existentes para além de lepra, a saber: *morfeia*, *mal de S. Lázaro*, que padeceu desta doença (daí a designação de hospital de São Lázaro que, por vezes, se dava às gafarias), *gafeira*, *elefância dos árabes*, entre outras (Rocha, 2011, p.17). Era considerado um castigo divino por desobediência a Deus, até bastante tarde, foi considerada uma doença hereditária (Baptista, 2013).

Na época medieval, a lepra assumiu um papel importante na Europa Ocidental, enquanto doença endémica em desenvolvimento e mobilizadora de importantes medidas de profilaxia.

Os primeiros sinais de lepra indicam a sua origem geográfica para o Extremo Oriente, mais concretamente, a Índia e a China, em séculos anteriores à Era de Cristo,

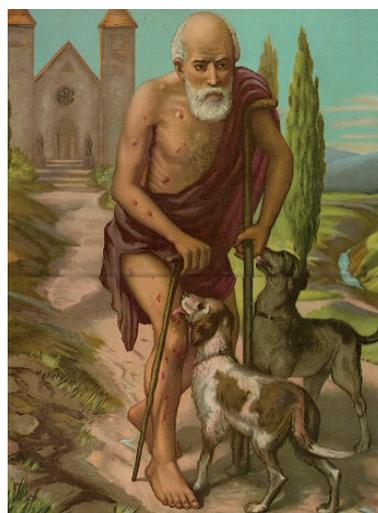


Figura 1

Imagem de São Lázaro de Betânia.
Fonte: Arquidiocese de São Paulo. (s.d.)



Figura 2

Detalhe da letra C, inicial da palavra Clérigo. A iluminura representa clérigos com lepra a serem abençoados pelo bispo.
Fonte: Costa & Angotti-Neto (2015, p.9)

onde se desenvolveu para o Próximo Oriente e posteriormente, para a Europa Ocidental. Devido à escassez de fontes, os autores têm mostrado algumas dificuldades em estabelecer uma data concreta para o Ocidente Europeu. Contudo, quase todos eles, concordam que a doença não terá sido introduzida no Ocidente, com o movimento das Cruzadas (Rocha, 2011, p.15).

Outros autores acreditam que terão sido os fenícios a trazer a lepra do Próximo Oriente para todo o mediterrâneo e as legiões romanas a inseri-la no centro da Europa (Rocha, 2011, p.15).

No caso de Portugal, a data de introdução da lepra, é muito idêntica à do resto da Europa Ocidental, tendo coincidido com as invasões godas ao nosso país (Rocha, 2011, p.16).



Figura 3

Leproso que está mutilado, sem a mão esquerda e o pé direito, com um sino, que deveria tocar quando estivesse a passar, para que as pessoas se pudessem afastar dele.

Fonte: Costa & Angotti-Neto (2015, p.15)

■ AS GAFARIAS

Para o acolhimento dos doentes com lepra foram criadas as gafarias, instituições que normalmente se localizavam fora de portas, devido ao contágio da doença, sendo uma medida preventiva da mesma.

Foi em França, mais concretamente, em Saint Oyan, que surgiu a primeira gafaria de que existe registo e terá sido criada em 460 d. C. Em vários concílios, como o de Orleans, em 549, e, de Leão em 585, determinou-se a criação de gafarias nas cidades. A sua proliferação acompanhou a progressão da doença durante a Idade Média. Em França, no século XIII, existiam cerca de duas mil gafarias (Nogueira, 2022, p.26).

A criação de leprosarias em Portugal, deve ser anterior à própria Nação, uma vez que há referências a leprosos em 1107. A compaixão por estes doentes era grande, e, nesse contexto, as gafarias recebiam grandes dádivas de alguns ricos testadores. Desta forma, podemos destacar os testamentos de D. Urraca, em 1177, de D. Sancho I, em 1209, para a gafaria de Coimbra. Já as rainhas D. Mafalda, que se julga ter fundado a gafaria de Aregos e a Rainha Santa Isabel, patrocinavam a maior parte destas instituições.

Não havia lugar que não gozasse de certa importância que não fosse dotado de uma leprosaria, geralmente, construída longe do povoado, uma vez que o medo do contágio levava a que as autoridades obrigassem os gafos a tangerem uma campânula, ou rela quando

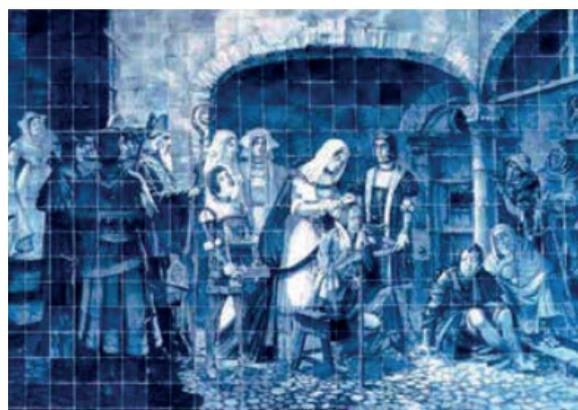


Figura 4

A rainha Santa Isabel e o bispo de visita à gafaria de Coimbra. Azulejo da autoria de Jorge Colaço, na Faculdade de Ciências Médicas, Lisboa (1906).

Fonte: Doria (2015, p.112)

saissem do recolhimento, com o objetivo de prevenir a restante população da sua passagem (Serrão, 1990, pp.91-92).

Algumas gafarias foram muito importantes e por isso mesmo, tinham regalias especiais, como é o caso de Santarém e de Coimbra. Após o século XIV, a lepra entra em declínio espontâneo, em que as causas podem ter sido as seguintes: resultado das medidas da segregação, a grande mortalidade devido às frequentes e extensas epidemias de peste, varíola e cólera, diminuição da população e dos grandes movimentos das



Figura 5

Nesta iluminura à entrada da cidade, o homem, recusa-se a receber um leproso e um ferido (o primeiro, com chagas no rosto, toca um instrumento (sineta) para anunciar a sua passagem, costume da época).

Fonte: Costa & Angotti-Neto (2015, p.12)

populações, melhoria das noções de higiene, de contágio e da alimentação, assim como, das condições de vida, habitação e hipotética expansão da tuberculose, que teria talvez, um efeito de “imunização” contra a lepra, uma vez que existe uma exclusão entre as duas doenças, e, por fim, variações que são inexplicáveis ligadas à intensidade das epidemias (Baptista, 2013).

O HOSPITAL DE S. LÁZARO EM COIMBRA

■ A FUNDAÇÃO

Desde o início do século XIII, que a cidade de Coimbra beneficiou da criação de um hospital destinado ao acolhimento de leprosos. No ano de 1210, D. Sancho I, no seu segundo testamento, deu a D. Fernando Mendes, seu testamenteiro e abade de Alcobaça dez mil morabitanos com o objetivo de: “*de quibus faciat unam gafariam in Colimbria*” (Rocha, 2011, p.47). Este monarca, à semelhança do seu filho, D. Afonso II, terá sofrido de lepra. Estariam assim criadas as condições para a edificação do Hospital de São Lázaro, em Coimbra.



Figura 6

D. Sancho I de Portugal.

Fonte: Rijksmuseum (s.d.)

Desde a sua fundação, que a gafaria de Coimbra, começou um longo e próspero caminho, durante o qual beneficiou da proteção régia, recebendo diversos le-

prosos que necessitavam da sua ajuda para sobreviver (Rocha, 2011, p.47).

No entanto, ao longo dos tempos, vários monarcas concederam *graças e mercês* a esta instituição, fazemos menção a algumas: D. Afonso IV, é o “responsável” pelo *Regimento do Hospital de S. Lázaro*, em 1329, outro Regimento sem data, por D. Afonso V, e, em 1502, um novo regulamento por D. Manuel (Costa, 2017).

A administração do Hospital de S. Lázaro foi incorpo-

rada na fazenda da Universidade em 1774, ficando sujeita aos mesmos regulamentos da administração do Hospital Geral ou Hospital da Conceição (Costa, 2017). Os rendimentos desta instituição consistiam em rendas e foros de propriedades rústicas e urbanas, rações e laudémios de prazos e casais, na cidade e, em várias terras à volta da mesma, como: Condeixa, Fala, Trouxemil, Enxofães, entre outros.

■ A LOCALIZAÇÃO

O Hospital de S. Lázaro, no século XVI, localizava-se num terreno entre as atuais Rua da Figueira da Foz e a Avenida Fernão de Magalhães, na denominada Azinhaga dos Lázaros, que partia da primeira rua em direção ao Mondego, onde ainda no século passado, era possível ver ruínas da referida construção (Rocha, 2011, p.48).

No entanto, a localização da gafaria de Coimbra na

Idade Média, tem levantado algumas dúvidas aos estudiosos. Um documento de D. Fernando, que data de 1377, aponta a localização da dita instituição para um local mais próximo dos atuais Palácio da Justiça e Igreja de Santa Justa, que poderia na Época Medieval, englobar a denominada zona de S. Lourenço.

Durante o século XIX, outras localizações, viria a ter o Hospital de S. Lázaro.



Figura 7

Hospital dos Lázaros na Rua Figueira da Foz.

Fonte: Imagoteca - BM Coimbra



Figura 8

Hospital dos Lázaros na Avenida Fernão de Magalhães.
Fonte: Imagoteca - BM Coimbra



Figura 9

Ruínas do Hospital de S. Lázaro, na Azinhaga dos Lázaros.
Fonte: Costa (2017)

■ O ESPAÇO

Através do Regimento de 1329, conseguimos perceber de que forma estava organizado fisicamente, o Hospital de S. Lázaro, a partir do século XIV. Neste contexto, a Gafaria por esta altura, seria composta por uma Igreja própria, onde se celebravam as missas semanais. Existiriam armazéns de géneros: o celeiro de pão e adegas, onde seriam guardados os cereais e o vinho, assim como o azeite das rendas. Teria também terras agrícolas, poço e quinta, de onde os leprosos tiravam proveito (Rocha, 2011, pp. 51-53).

Sabe-se que em 1452, o Hospital de S. Lázaro teria também uma cadeia própria, para os doentes que cometessem crimes, evitando assim, o contacto com a população saudável de outras cadeias (Rocha, 2011, pp. 51-53). Outros espaços deveriam compor a gafaria, no entanto, as fontes, não os referem, nesse sentido, podemos destacar as habitações dos leprosos/funcionários domésticos, e, talvez, um cemitério próprio (edificação obrigatória, a partir do III Concílio de Latrão, em 1179) (Rocha, 2011, pp. 51-53).

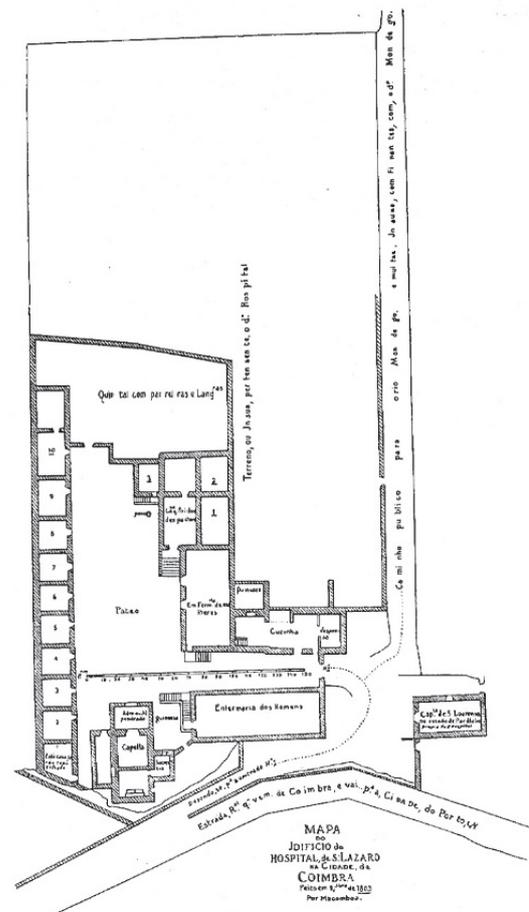


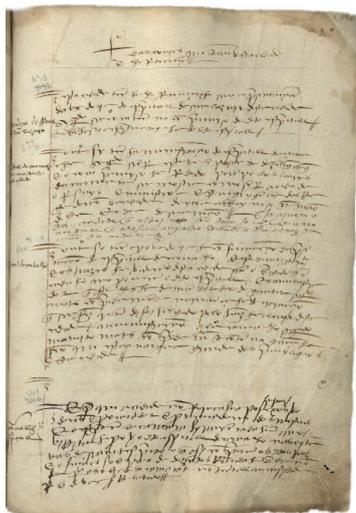
Figura 10

Mapa do edifício do Hospital de S. Lázaro.
Fonte: Namorado (2007)

DOCUMENTAÇÃO DO AHMC

As leprosas obedeciam a três tipos de governo: **as que eram fundadas pela iniciativa do rei e dirigidas por representantes deste, o caso da de Coimbra**; as municipais, como é o caso de Braga, Guimarães e Lisboa, entre outras; e por fim, as constituídas pelos próprios gafos e por eles administradas, recebendo por parte do rei especial atenção (Serrão, 1990, pp.91-92).

A Gafaria de Coimbra era constituída por um grupo de oficiais e funcionários que estariam responsáveis pela sua manutenção. Deveriam administrar o Hospital, gerir o seu património e zelar pelo sustento dos doentes e sãoos que nele estivessem recolhidos (Rocha, 2011, p. 53). Neste contexto, podemos destacar como oficiais e funcionários do Hospital, o **escrivão, o vedor, o provedor**, o procurador, o medidor e o mamposteiro e, outros trabalhadores. Na documentação existente no AHMC, encontramos também referências aos **conflitos gerados com as nomeações para estes cargos**.



Documento 1

Vedoria do Hospital de São Lázaro no Livro I da Correia, sec. XVI.

Fonte: AHMC/ Livro I da Correia, 1554, fl. 90

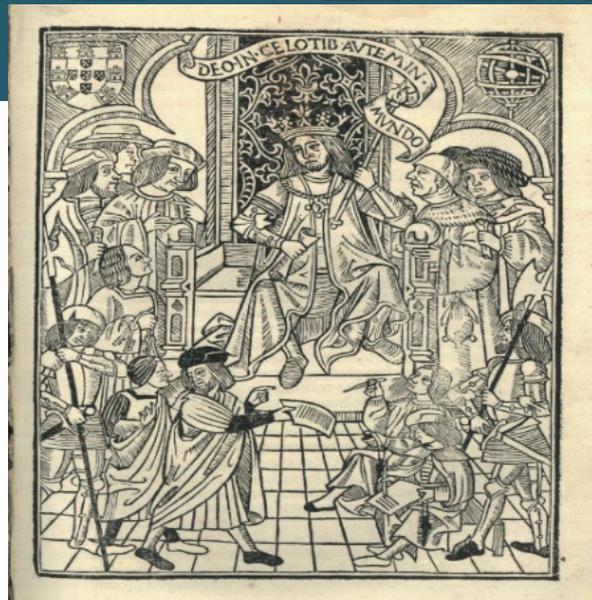
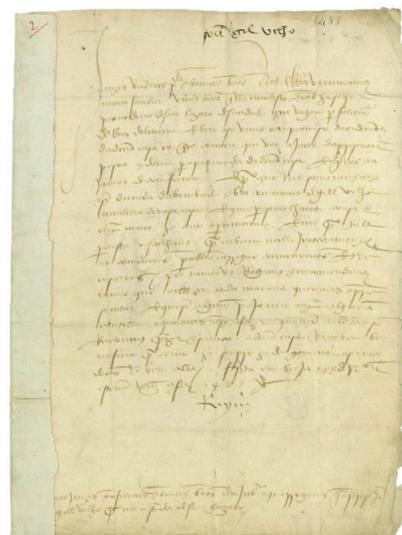


Figura 11

Gravura do Livro III das Ordenações, com a figura do rei ao centro, rodeado de magistrados judiciais e escrivães.

Fonte: Bonhomini (1514)

1554, Coimbra. Livro de Regimentos e Posturas desta mui nobre e sempre leal cidade de Coimbra, designado por **LIVRO DA CORREIA**, devido à forma de encadernação antiga, em couro, que possuía, com uma correia a fechar o volume. É constituído por um feixe de vários cadernos com regimentos, posturas e deliberações camarárias contendo o: **Titulo das coisas que sam desta cidade e lhe pertencem**, onde se regista:



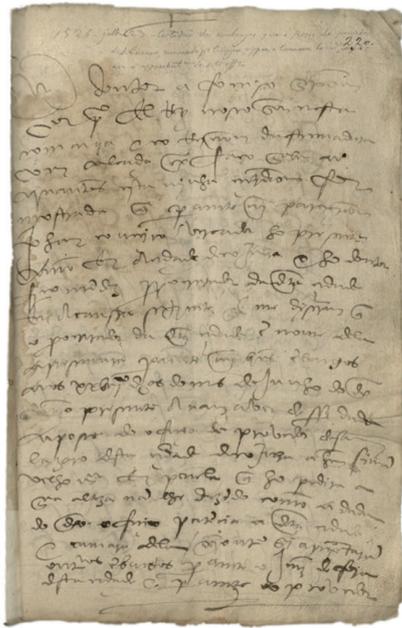
Documento 2

Nomeação do provedor do Hospital de São Lázaro, século XV.

Fonte: AHMC/Col. Documentos Avulsos em Papel, nº2

“Esta cidade tem e lhe pertence a sua apresentação **da vedoria** do hospital de S. Lazaro desta cidade segundo se contem no compromisso do dito hospital e bem assim a **escrivaninha** do dito hospital”

1488, novembro, 30, Beja. Carta de D. João II dirigida à Câmara, rogando-lhe que apresente **Gil Velho**, para a **provedoria do Hospital de S. Lázaro em Coimbra**,



Documento 3

Exemplo de conflito entre a cidade e o oficial régio na nomeação do provedor, séc. XVI.
Fonte: AHMC/ Col. Cartas e Ordens à Câmara, fl. 220



Documento 4

Nomeação do escrivão da gafaria de São Lázaro, séc. XVI.
Fonte: AHMC/ Col. Cartas e Ordens à Câmara, fl. 209v

uma vez que o cargo estava vago por falecimento de Rui de Oliveira. O rei afirma: “**vimos o compromisso da ordenança da dicta casa em que se contem que vos ajaes d’apresentar pesoa ydonea pera proveedor da dicta casa e que Nos aajamos de confirmar, e por que Nos somos muy certos e sem duvida da bondade e boa comceencia de Gill Velho, cavalleiro de nossa casa**”.

1526, julho, 23. Coimbra. Certidão dos embargos e sentença do Corregedor sobre a provedoria do hospital de São Lázaro de Coimbra.

No sumario do documento feito na época diz-se: “**como foy tomada ha pose da provedoria de Saam Lazaro de Coimbra clandestinamente tendo jaa a cidade posto hos embargos perante ho Corregedor e ho Juiz e ho provedor**”, a 28 de Junho de 1526. Contestam para não ser dada posse do ofício de provedor de São Lázaro desta cidade de Coimbra: “**a hum Simão Velho morador de Penela que ho pedira a Sua Alteza nam lhe dizendo como a dada do dito ofecyo pertença a dita cidade e camara della**”. **A sentença do Corregedor, em 23 de Julho de 1526, dá como provada a contestação da cidade:** “**ho dito impetramte Symão Velho calando ser a apresentação do dito ofício da dita cidade e por os ofeciaes della se dever de dar e apresentar e com sua apresentação ell rey deve confirmar disse a sua alteza que a dada e apresentação ell rey dever confirmar e dise a Sua Alteza que a apresentaçã e dada do ofício lhe pertença e nam a dita cidade, pello quall cremdo ell rey ser asy lhe pasou a dita carta sem ser apreemtado pela dita cidade como devia ser pello quall a dita carta he sorateira e empetrada por a falsa enformação e calada a verdade e portamto a dita carta se nam deve comprir nem aver efeito**”.

1536, junho, 18, Coimbra. Nomeação do **escrivão gafaria de Coimbra** decidido em sessão de Câmara alargada com a presença de cidadãos e dos mesteres, por falecimento de Diogo Aranha, seu filho: “**e por que era necesario pera provimento dos lazarus e da casa se aver de dar e emleger esprivam da dita gafaria, per a qual emleycam de esprivam pertencia a esta cidade por provisois e papes e documentos**” [...] “**por vozes emlegeram hy e sayo por esprivam da dita gafaria em sua vida as mais vozes Yoham Haranha, cavaleiro criado d’el rei noso señor e filho do dito Diogo Aranha, que emlegeram por esprivam da dita gafaria como elo he e delo faziam e asinaram este a acordo por o quall pedem por merçe a el rei noso señor que o aja asi por bem e serbyço do señor Deus e seu e bem dos lazarus**”

■ OUTROS CARGOS E FUNÇÕES LIGADAS AO HOSPITAL NOS DOCUMENTOS DO AHMC

1560. maio, 8. Registo do treslado de um alvará régio para a Casa de São Lázaro poder ter um **carniceiro**: “que de carne aos doemtes e raçoeyros da dyta caza e hoficyais dela”. O pagamento estabelecido era de: “dez allqueires de pão meado: cynquo allqueyres de trygo e cynquo de milho” que saíam das rendas da casa, e como a administração era do foro régio tinham que ter este alvará de que davam conhecimento à cidade.



Figura 12

Pormenor de uma iluminura que apresenta um carnicheiro.
Fonte: Markl (1983, fol. 22v)

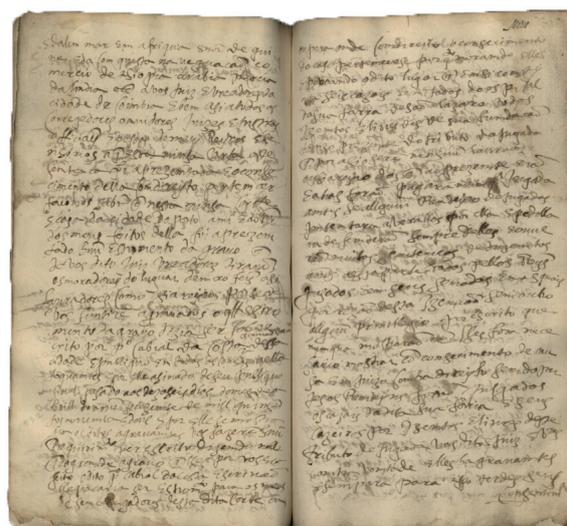
1592, abril, 29. Porto. Registo de uma sentença da casa da Relação do Porto que os **caseiros das terras foreiras do Hospital de S. Lázaro, em Enxofães**, obtêm para garantir a isenção de pagamento da Jugada (imposto) que a cidade de Coimbra lhes estava a exigir. Conseguem provar que tinham essa isenção.

[...] “nesta minha corte e casa da cidade do Porto a mim e ao juiz dos meus feitos della foi apresentado hum estromento d’agravo que de vos dito juiz vereadores tiravão os moradores do lugar de Emxofaes asi lavradores como siareiros por se vos sentirem agravados” [...] “porquanto morando elles e povoamdo o dito lugar que em si comtinha seis cazais lemitados d’ospitall da guafaria de São Lazaro todos izemtos e livres desde sua fundação tenho prezente do tributo da jugada que por asi o serem nenhum lavrador ou siareiro dos que ao prezente erão e atras forão pagara numqua jugada amtes se allgum remdeiro de jugadas imtentara a vexallos por ella e pedille ou defemderão sempre delles e ouverão muitas sentenças de duzentos annos a esta parte todas pellos reis passados” [...] “e que são agravados os soplliquantes por vos juiz e vereadores da cidade de Coimbra em os comstrangerdes pagar para a fimta de que se trata provendo em vosso agravo vistos os autos



Documento 5

Registo do treslado de um alvará régio para a Casa de São Lázaro poder ter um carniceiro.
Fonte: AHMC/Registo, nº 2, fl. 110v



Documento 6

Registo de uma sentença da casa da relação do Porto.
Fonte: AHMC/Registo, nº7, fl. 237-241



Figura 13

Pormenor de uma iluminura que apresenta os lavradores.
Fonte: Markl (1983, fol. 19)

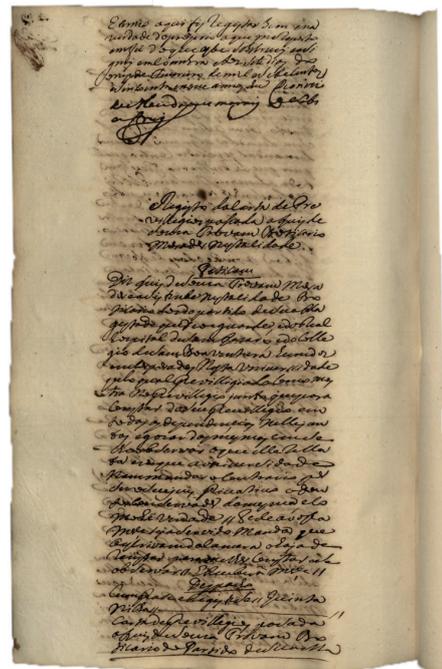


Figura 14

Pormenor de iluminura que apresenta trabalhos agrícolas.
Fonte: Markl (1983, fol. 13)

e como se mostra lancarem nas terras lemitadas de São Lazaro e dellas lhe paguarem certa copia de fruitos pello que conforme as sentenças juntas são escuzas de pagar pera ella nem por esse respeito as vexeis e sendo penhorados lhes torneis seus pinhoes. Porto, vinte e nove de abril de noventa e dous e portanto vos mando que asi o cumprais e guardeis e facais muy imteiramente comprir e guardar e façais muy imteiramente comprir e guardar como nesta minha sentença se contem a quall tanto que vos for apresentada passada [fl.241] pela minha chancellaria não comstranjais ao ditos agravantes pagar pera a dita fimta nem por esse respeyto as vexaraes e sendo caso que seião penhorados lhes tornareis e fareis loguo tornar seus pinhoes comprio asi e al não façais, dada nesta minha cidade do Porto aos vinte e nove dias do mês de abril el rey nosso señor o mandou pello doutor Manoel Alvares do Torneo do seu Desembarguo que por seu especiall mandado tem carguo de juiz de seus feitos com allçada nesta Corte e casa da dita cidade do Porto. A quall sentença foi apresemntada na camara desta cidade de Coimbra aos officiaes della mandarão que se comprise e registase”.

1759. fevereiro, 7. Coimbra. Carta de privilégio da Universidade para Luís de Sousa Trovão, morador em Coimbra, na Rua da Calçada, **boticário**, do Real Hospital de S. Lázaro e também do Colégio de São Boaventura, Os privilégios eram os seguintes: “ não servir nenhuns



Documento 7

Carta de privilégio da Universidade para Luís de Sousa Trovão, boticário.
Fonte: AHMC/ Registo, nº53, fl.419

oficios nem cargos do concelho contra sua vontade, nem de ser procurador, almotace, sacador, recebedor, nem pagar para fintas de fontes pontes caminhos nem calçadas, pedidos, falhas, empréstimos, nem para a bolsa da levada dos presos e de hir com elles” [...] “não lhe tomarem suas casas de morada, adeguas, estrebarias roupas, camas, pão, sevada, palha, carneiros, galinhas, bois, carros, nem cavaladuras, para nenhuma pessoa, posto que sejam privilegiados de quaisquer privilegios com quais quer clauzulas derogatorias” [...] Por especiais que sejam e de hir aos alardos e de lhe lançarem armas nem cavalos nem lhe deitarem soldados nem de cavalo por boletos, he mais privilegiado e libertado de nunca pagar jugada, portagem, nem constringam nenhuma pessoa [...] em nenhuma parte ou imposição de pagar coimas de seos gados, e somente as perdas por elles feitas. He mais privilegiado e libertado pera não hir a guerra, por mar, nem por terra salvo com corpo da minha Universidade”.

O HOSPITAL DOS LÁZAROS NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O Hospital de São Lázaro nem sempre se situou fora de portas, assim, em 1836, foi transferido para o Colégio de S. José dos Marianos. Em 1851, a Instituição voltou a mudar de localização, desta vez para o Colégio de São Jerónimo, e, daqui, em 1853, os lázaros passaram para o Colégio dos Militares, edifício entretanto desaparecido, com as obras da alta universitária, no século XX.



Figura 15

Faculdade de Medicina – Novo Hospital dos Lázaros no denominado Colégio dos Militares.

Fonte: Costa (2017)



Figura 16

Antigo Hospital dos Lázaros na Rua dos Militares.

Fonte: Imagoteca - BM Coimbra



Figura 17

Colégio dos Militares (edifício entretanto desaparecido).

Fonte: Imagoteca - BM Coimbra

■ LOCALIZAÇÃO DA ANTIGA GAFARIA DE COIMBRA E DO HOSPITAL DOS LÁZAROS NAS PLANTAS TOPOGRÁFICAS DA CIDADE DE COIMBRA DO AHMC

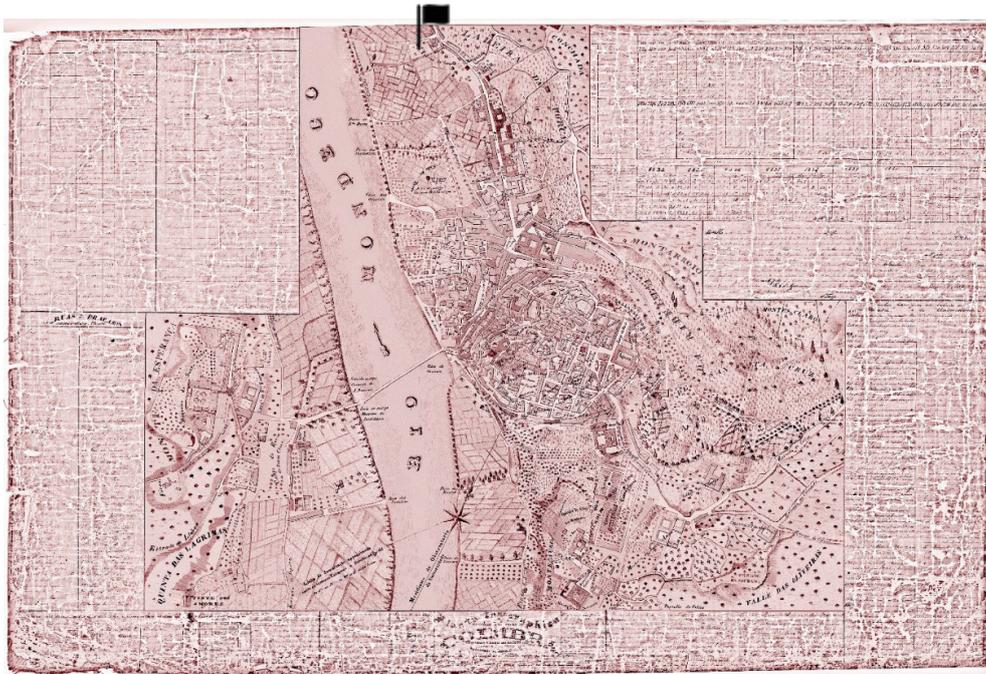


Figura 18

Gafaria, às portas de Santa Margarida, Rua da Sofia.
Fonte: AHMC/ Planta topográfica da Cidade de Coimbra, 1845



Figura 19

Azinhaga dos Lázarus.
Fonte: AHMC/ Planta topográfica da Cidade de Coimbra, 1873-
1875, n.º 3



Figura 20

Antiga localização da Gafaria.
Fonte: AHMC/ Planta topográfica da Cidade de Coimbra, 1934, n.º 9

OS ESTUDOS DE LEPRA NA HISTÓRIA

Bernardino António Gomes (1768-1823)

Nasceu em 29 de Outubro de 1768, destacou-se enquanto médico, cientista, químico e botânico. Era filho do médico José Manuel Gomes e de Maria Josefa Clara de Sousa, ambos de Coimbra.

Bernardino António Gomes estudou Medicina na Universidade de Coimbra, onde concluiu o doutoramento em 1793. Evidenciou-se no tratamento de doenças cutâneas, sendo considerado o primeiro dermatologista português.

Estudou diversas plantas originárias do Brasil, sendo o primeiro cientista que isolou a cinchonina da árvore da quina. Foi o primeiro diretor do Instituto Vacínico, organismo que tinha como objetivos generalizar a vacinação em Portugal e promover o desenvolvimento das ciências e do bem-estar público. Estudou minuciosamente a doença da lepra, principalmente, no que diz respeito aos leprosos do Hospital de S. Lázaro de Lisboa. E nesse sentido, salienta-se a obra *Ensaio dermosographico ou succinta e systematica descripção das doenças cutâneas*, onde resumiu tudo o que se sabia, naquela altura, sobre as doenças de pele, tirando ele próprio as suas conclusões sobre as mesmas. Os capítulos mais importantes desta obra foram coordenados e redigidos a bordo da Nau D. João VI, quando o Dr. Bernardino, na qualidade de médico da Real Câmara, acompanhava a princesa austríaca Maria Leopoldina, na sua viagem de Livorno, para o Rio de Janeiro, no ano de 1817.

Em 1821, escreveu “**Carta aos médicos portugueses sobre a elefantíase**”, noticiando um novo remédio para a cura, a utilização interna do cloreto de sódio. Propôs também a concentração das leprosas existentes no país em apenas três localidades: em Lisboa, Porto e Coimbra.

Bernardino António Gomes faleceu em Lisboa, a 13 de Janeiro de 1823.



Figura 21

Bernardino António Gomes.
Fonte: Rodrigues (2018)

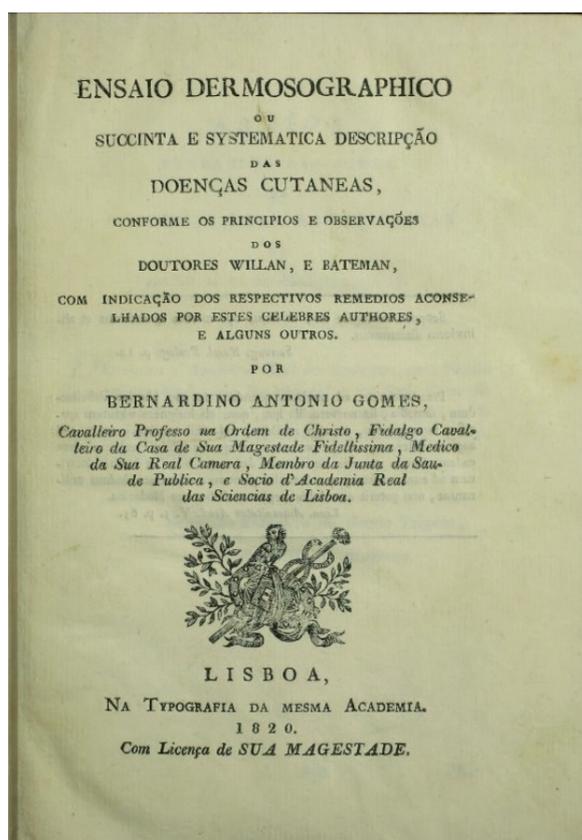


Figura 22

Ensaio Dermosographico ou succinta e systematica descripção das doenças cutâneas.
Fonte: Gomes (1820)

Na **Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra**, na *Coleção Alma mater* existe um exemplar manuscrito com várias receitas e tratamentos que foi elaborado por Bernardino António Gomes, entre 1798-1808; e que foi doado por um descendente, seu neto, em 1910 à Universidade. Tem umas curiosas receitas para “os que padecem do mal de Morfeo ou excorbutados; e o modo de curar a morfeia segundo a receita que veio de Mogi, fielmente comunicada pelo Reverendo Gabriel da Costa Rezende”.

António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783)

Nasceu em Penamacor a 7 de Março de 1699, era filho do sapateiro e comerciante Simão Nunes e Ana Nunes Ribeiro. A sua família era de cristãos-novos.

Inscribe-se em 1716, na Universidade de Coimbra, em Direito. No entanto, três anos mais tarde, muda-se para Salamanca, onde cursa Medicina, sendo que, em 1724, obtém o grau de doutor. Deixa Espanha em 1726, por denúncias da prática de judaísmo. Em 1730, fixa-se na Holanda, e, um ano mais tarde, vai para a Rússia, onde exerce funções de médico militar com grande êxito. Foi nomeado clínico do Corpo Imperial dos Cadetes de São Petersburgo.

No ano de 1739, é nomeado membro da Academia de Ciências de São Petersburgo, assim como, recebe a mesma distinção na de Paris, onde colabora com os maiores nomes ligados ao Iluminismo.



Figura 24

António Nunes Ribeiro Sanches.

Fonte: Câmara Municipal de Penamacor

No ano de 1756, redige a obra **Tratado da Conservação da Saúde dos Povos**, onde aconselha a ter um local bem arejado para instalar as leprosas, e afirma que o excesso de calor favorecia o desenvolvimento da lepra. Faleceu em 14 de Outubro de 1783.

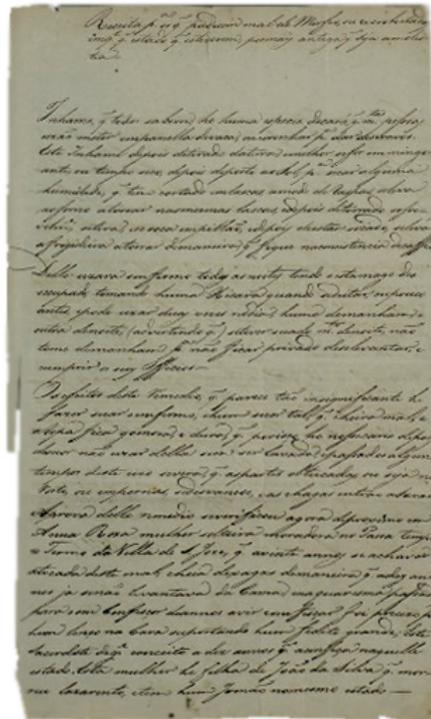


Figura 23

Manuscritos de Bernardino António Gomes.

Fonte: Gomes (1798)

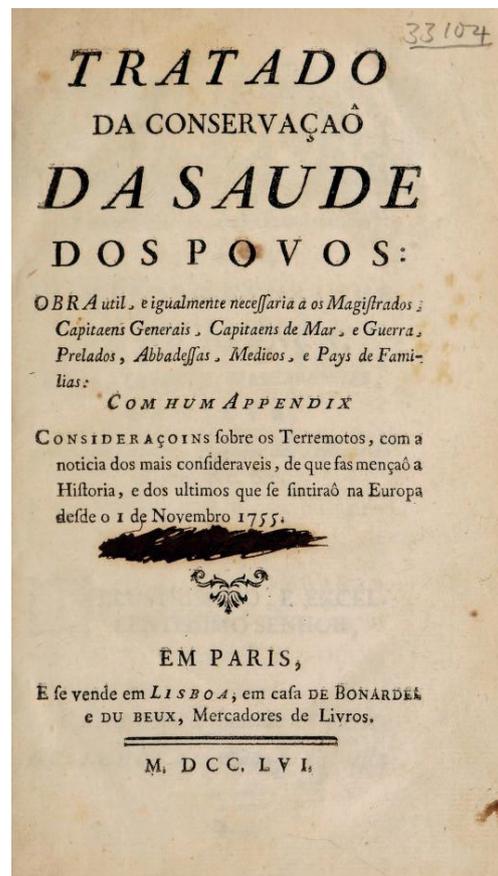


Figura 25

Tratado da Conservação da Saúde dos Povos.

Fonte: Sanches (1756)

HISTÓRIA DO HOSPITAL COLÓNIA ROVISCO PAIS

■ QUEM FOI JOSÉ ROVISCO PAIS?

Grande lavrador e industrial de cervejas, nascido em Casa Branca a 16 de outubro de 1862. José Rovisco Pais destacou-se a nível nacional pela sua imensa generosidade a favor de instituições de proteção da saúde. A herança que Rovisco Pais (1862-1932) deixou aos Hospitais Cíveis de Lisboa para fins assistenciais, revelou-se determinante para a concretização do projeto da Leprosaria Nacional, também designado de Hospital Colónia Rovisco Pais.



Figura 26

José Rovisco Pais.

Fonte: Hospital Colónia Rovisco Pais

■ QUEM FOI GERHARD HANSEN?

Gerhard Henrik Armauer Hansen nasceu em 29 de janeiro de 1841 na Noruega. Em 1873 o médico norueguês identificou o agente causador da lepra, a bactéria *Mycobacterium leprae*.

As formas mais frequentes são a lepra tuberculoide, apresentando uma evolução mais benigna, e a lepromatosa, que se revela mais grave.

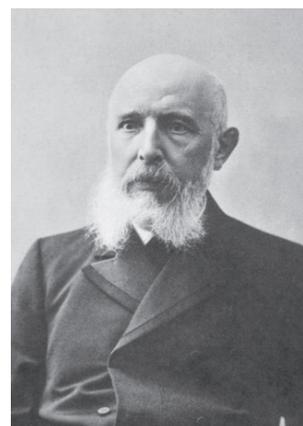


Figura 27

Gerhard Henrik Armauer Hansen (1841-1912).

Fonte: Grzybowski et al. (2013)

Bissaya Barreto, professor de medicina em Coimbra, presidente da Junta de Província da Beira Litoral e defensor da Medicina Social iniciou a campanha “Pelos Leprosos, contra a Lepra” no jornal A Saúde em fevereiro de 1938, defendendo a criação de um Hospital-Colónia (Nogueira, 2022, p.32).

Em 15 de novembro de 1938 foi decretada a criação da Leprosaria Nacional Rovisco Pais e a nomeação de uma Comissão de Obras, assim como uma Comissão Instaladora, ambas presididas pelo Professor Bissaya Barreto (Nogueira, 2022, p.40).

Foi então adquirida a Quinta da Fonte Quente com cerca de 140 hectares por 300 contos graças à herança deixada por José Rovisco Pais aos Hospitais Civis de Lisboa. As obras iniciaram-se em 1941 sob a orientação do Professor Bissaya Barreto, do Eng. Maçãs Fernandes e do Arquiteto Carlos Ramos (membros da Comissão de Obras). O Hospital Colónia Rovisco Pais foi inaugurado a 7 de setembro de 1947 na Quinta da Fonte Quente, antiga estância dos frades crúzios de Coimbra, na Tocha (concelho de Cantanhede), cuja missão primordial foi erradicar a lepra em Portugal (Nogueira, 2022, p.44).

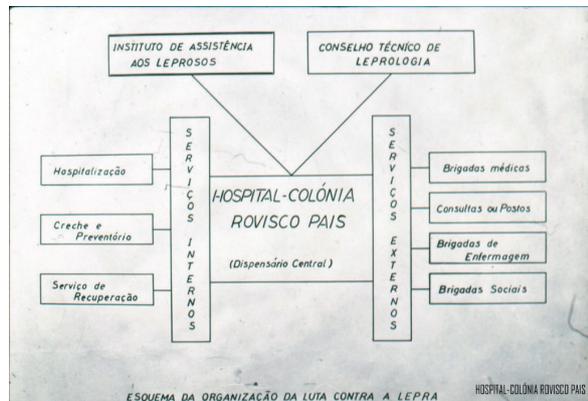


Figura 28
Esquema da organização da Luta contra a Lepra.
Fonte: Hospital Colónia Rovisco Pais

Funcionava como uma espécie de aldeia terapêutica ou aldeia de saúde e garantia uma assistência médico-social bastante abrangente aos doentes com hanseníase e seus familiares, pautada por aspetos educativos, profiláticos, terapêuticos e de reabilitação. Integrava um conventinho; um hospital que dispunha de bloco operatório, maternidade, consulta externa, radiologia, fisioterapia, farmácia, laboratório e histopatologia; dois asilos; 6 casas para trabalhadores; cinco núcleos familiares; cozinha; lavandaria; uma capela com duas naves; creche e preventório. Posteriormente,



Figura 29
Religiosas no Conventinho do HCRP.
Fonte: Hospital Colónia Rovisco Pais



Figura 30
Ornamentação de ruas por ocasião das festas – Secção familiar.
Fonte: Hospital Colónia Rovisco Pais



Figura 31
Crianças e professora na sala de aulas do Preventório, no Hospital Colónia Rovisco Pais.
Fonte: Hospital Colónia Rovisco Pais

numa segunda fase de construção (que decorreu até 1962) o HCRP realizou algumas melhorias, passando a integrar um cinema ao ar livre, um campo de jogos, escritórios e oficinas para doentes; e um locutório que possibilitava a visita dos doentes aos seus filhos (Nogueira, 2022, pp.44-45).



Figura 32

Visita do Presidente da República, Francisco Craveiro Lopes, ao Hospital Colônia Rovisco Pais.

Fonte: Hospital Colônia Rovisco Pais

“Concluídas as obras da primeira fase e a cerca de um mês da inauguração foram publicados, em 2 de agosto de 1947, os Decretos-Lei nº36.450 e 36.451 que criaram o Instituto de Assistência aos Leprosos com a finalidade de orientar a luta contra a Lepra em Portugal, e definiram os princípios orientadores e o regime jurídico da assistência profilática e

terapêutica aos doentes de Hansen; as regras de admissão e alta dos doentes e instituíram o Hospital Colônia Rovisco Pais como Dispensário Central e centro de estudos e investigação da Lepra em Portugal.” (Nogueira, 2022, pp.45-46)

A inauguração do HCRP reuniu milhares de pessoas e contou com a presença de diversas entidades e individualidades, como o Ministro das Obras Públicas, Eng.º José Frederico Ulrich e o Ministro do Interior, Dr.º Trigo de Negreiros (Nogueira, 2022, p.46).

“Anunciado na imprensa como “Obra de Assistência Social”, “Obra de Saúde Pública” ou “Obra modelar”, o Hospital-Colônia surgia também associado ao desígnio repetido nos vários artigos e perpetuado entre funcionários e doentes: “Dentro de vinte anos não haverá leproso em Portugal”. (Nogueira, 2022, pp.46-47).

O Presidente da República, Francisco Craveiro Lopes, na visita ao Hospital Colônia Rovisco Pais foi acompanhado pelo Ministro do Interior, Dr. Joaquim Trigo de Negreiros, pelo Prof. Fernando Bissaya Barreto, Dr. Manuel Santos Silva e outras personalidades.

■ A ASSISTÊNCIA CLÍNICA NO HOSPITAL COLÔNIA ROVISCO PAIS

Com o Decreto-Lei publicado em 1947 era obrigatório o internamento de todos os doentes contagiantes como forma de isolamento e prevenção do aumento de casos de hanseníase. Assim, o HCRP assumiu o papel de hospital de referência no domínio da leprologia, disponibilizando serviços clínicos internos e externos. “O edifício hospitalar era o centro dos serviços clínicos e para além do serviço de internamento disponibilizava ainda consultas médicas de diversas especialidades (dermatologia, oftalmologia, estomatologia, otorrinolaringologia, psiquiatria, urologia, ginecologia e obstetrícia), prestava cuidados de enfermagem em permanência para todo o Hospital Colônia, tinha serviços de cirurgia (geral, plástica e reconstrutiva) e maternidade, dispunha de meios complementares de diagnóstico (radiologia e análises clínicas) e serviço de recuperação para tratamentos de fisioterapia, roentgen diagnóstico, roentgenterapia”. (Nogueira, 2022, pp.51-52) Em 1947, estavam registados 867 doentes na Direção-

-Geral da Saúde, sendo que o Hospital Colônia Rovisco Pais começou a receber doentes no dia 1 de outubro, registando até ao final daquele ano o internamento de 368 doentes (Nogueira, 2022, p.52).

Até 1961, o HCRP registou 2.298 internamentos e 1.131 altas hospitalares. A partir de 1962 houve uma diminuição de internamentos, relacionada com a sulfoterapia e com a reorganização do serviço externo, que passou a contar com a enfermagem domiciliária para acompanhamento dos doentes externos. O serviço externo atuava por via das consultas externas à comunidade da Tocha, das brigadas médicas e da enfermagem domiciliária (Nogueira, 2022, p.57).

Serviços de especialidades nos últimos 5 anos

		1965	1966	1967	1968	1969
OFTALMOLOGIA	Consultas	277	260	237	273	174
	Escolha de Lentes	55	72	61	12	71
	Cirurgia	11	12	5	6	6
M. O.		124	107	129	85	162
	Detartrage	20	22	3	14	14
	Observações	263	245	190	303	209
ESTOMATOLOGIA	Exodontia	159	283	197	225	179
	Dentisteria	9	60	40	54	25
	Prótese	41	68	52	69	70
	Cirurgia	2	5	3	4	2
PSIQUIATRIA	Consultas			14	19	20
OTO-RINO-LARINGOLOGIA	Consultas	70	79	60	32	67
	Operações	13	16	3	4	7
GINECOLOGIA	Consultas	14	21	22	4	10
	Operações	5	7	3	6	2
OBSTETRÍCIA	Consultas			1		1
	Operações					
SANGUE	Núm. Transfusões	17	40	14	46	21
	Quant. Administ.	6950	18000	6250	25500	7800
CIRURGIA	Consultas	207	212	164	292	182
	Cirurgia Geral	19	38	20	12	22
	(a) Cir. Plást. Reconstr.	53	55	60	28	15
RADIOLOGIA	Total de Exames	95	340	420	544	494
LABORATÓRIO ANÁL. CLÍNICAS	Muco Nasal	6700	5701	5782	6494	5325
	Pele	3750	3893	3606	4223	3591
	Sangue	6328	7794	4052	5075	5713
	Urina	1153	1333	816	1022	1128
	Outras	713	730	672	710	676
	Biópsias	273	375	445	335	269
	Autópsias	2	9	4	1	2
	Preparações His.	818	1534	2372	1748	1406

(a) A estes Serviços deve acrescentar-se, tratamentos de fisioterapia (massagens, banhos de parafina, agentes físicos, etc.) efectuados neste serviço

QUADRO 9

Vol. IX - N.º 2 - 129

Figura 33

Serviços de especialidade nos últimos 5 anos.

Fonte: Revista Portuguesa da doença de Hansen (1970, p.21)



Figura 34

Itinerários das Brigadas Móveis realizadas entre 1947 e 1952.

Fonte: Hospital Colónia Rovisco Pais

As brigadas móveis eram compostas por motorista, médico, enfermeiro, analista e assistente social que se deslocavam de norte a sul do país fazendo o rastreio de casos, marcando a terapêutica, dando indicações da conduta a seguir, educação sanitária, instruindo médicos, distribuindo medicamentos, assim como

subsídios pecuniários (Nogueira, 2022, p.60). A partir de 1962 e até 1981 a *Rovisco Pais: Revista Portuguesa da Doença de Hansen* constituiu-se como principal órgão de divulgação das atividades do Hospital e dos trabalhos de investigação que realizavam (Nogueira, 2022, p.66).



Figura 35

Brigada móvel para triagem de doentes.

Identifica-se o Dr. Manuel dos Santos Silva, diretor do HCRP.

Fonte: Hospital Colónia Rovisco Pais

O HCRP possuía também um laboratório localizado no edifício hospitalar. Além de um serviço de análises bacteriológicas e clínicas possuía um serviço de histologia indispensável a toda a atividade de estudo da doença. Existia também uma farmácia bastante ativa onde se preparavam “praticamente, todas as pomadas (com exceção das oftalmológicas), e numerosos injetáveis, designadamente soros, cálcio, vitaminas”, entre outros. (Nogueira, 2022, p.71)

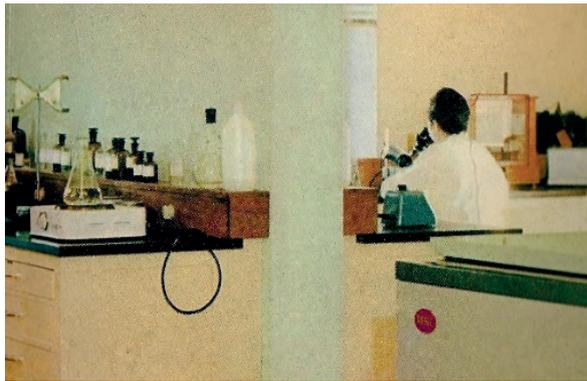


Figura 36
Laboratório do Hospital em 1968.
Fonte: Hospital Colônia Rovisco Pais

Em 1976 foi extinto o Instituto de Assistência aos Leprosos, tendo sido criado o Instituto de Assistência aos Doentes de Hansen e estabelecido o regime de tratamento ambulatorial dos doentes, pelo Decreto-Lei n.º 547/76 de 10 de julho. Em 1984 verificou-se a extinção do Instituto de Assistência aos Doentes de Hansen e a integração das ações de combate e tratamento da doença na Direção-Geral dos Cuidados de Saúde Primários. Neste ano verificavam-se ainda 125 pacientes internados, sendo que 14 ainda eram portadores ativos do bacilo (Nogueira, 2022, p.72).

“Em 1985 foi concedida alta coletiva aos doentes internos e externos que até então se encontravam sob vigi-



Figura 37
Independente de Cantanhede (08.08.1995).
Fonte: Biblioteca Municipal de Coimbra

lância epidemiológica do Hospital. No entanto, alguns doentes optaram por ficar na instituição, por opção ou por razões sociais. Em 1989 ainda permaneciam no Hospital 120 ex-doentes.” (Nogueira, 2022, p.72).

O Hospital Colônia Rovisco Pais foi extinto em 1996, pelo Decreto-Lei n.º 203/96 de 23 de outubro e foi criado o Centro de Medicina de Reabilitação da Região Centro-Rovisco Pais para onde transitaram todos os direitos, obrigações e património do ex-Hospital. A prestação de cuidados aos ex-doentes continuou a ser assegurada através do Serviço de Hansen onde atualmente ainda residem dois ex-doentes (Nogueira, 2022, p.72).

■ A ASSISTÊNCIA SOCIAL NO HOSPITAL COLÓNIA ROVISCO PAIS

O processo de internamento era um momento de rutura com a realidade quotidiana do doente e da sua família. Uma vez internados, os doentes passavam a adotar rotinas relacionadas com a assistência clínica. Aos domingos podiam receber visitas do exterior e consoante a evolução do tratamento e o resultado das análises, poderiam beneficiar de licenças ou altas provisórias que lhes possibilitavam ir a casa ou visitar a família (Nogueira, 2022, p.73).

O Hospital contemplava atividades de reabilitação educativa e profilática de formação dos doentes através da aprendizagem de ofícios nas oficinas e brigadas de trabalho (calceteiros, pintores, carpinteiros, sapateiros, barbeiros, jardineiros, costureiras, equipas de limpeza ou dar apoio aos mais idosos ou invisuais). Este trabalho era remunerado, o que permitia amealhar ou enviar esse dinheiro à família (Nogueira, 2022, pp.73-74).



Figura 38

Brigadas de trabalho – ergoterapia na área da costura.
Fonte: Hospital Colónia Rovisco Pais



Figura 40

Brigadas de trabalho – ergoterapia na área da sapataria.
Fonte: Hospital Colónia Rovisco Pais



Figura 39

Brigadas de trabalho – ergoterapia, pedreiros.
Fonte: Hospital Colónia Rovisco Pais



Figura 41

Brigadas de trabalho – ergoterapia, transporte de lenha.
Fonte: Hospital Colónia Rovisco Pais

Os doentes que residiam nos núcleos familiares recebiam os géneros alimentares diariamente e podiam preparar as suas refeições, cuidar da casa e ter uma horta. Alguns com mais instrução escolar organizaram escolas para adultos. Organizavam-se eucaristias e fes-

tas com regularidade: bailes, procissões, piqueniques na lagoa e sessões de cinema ao ar-livre. Eram populares os torneios de futebol, provas de ciclismo assim como os grupos de bordados, de ginástica, de teatro, de música ou rancho folclórico (Nogueira, 2022, p.74).



Figura 42

Equipa de futebol com doentes do HCRP.
Fonte: Hospital Colónia Rovisco Pais

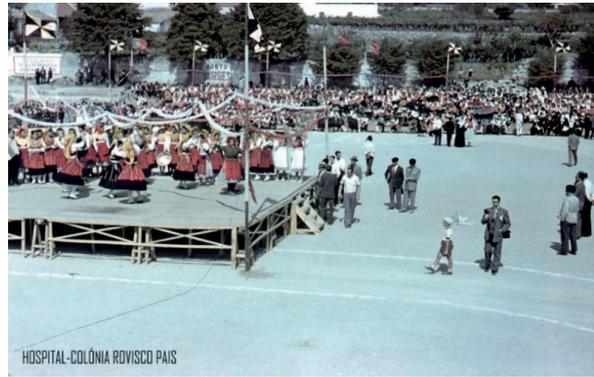


Figura 44

Atuação do Rancho de Viana do Castelo no HCRP em 21/08/1949.
Fonte: Hospital Colónia Rovisco Pais



Figura 43

Rancho no HCRP em 12/05/1949.
Fonte: Hospital Colónia Rovisco Pais



Figura 45

Crianças do preventório (1967)
Fonte: Hospital Colónia Rovisco Pais

A partir de 1957 os doentes criaram o jornal *A Luz, para defesa e reabilitação dos Hansenianos* (Nogueira, 2022, p.74).

“Excetuando nos núcleos familiares, era regra a separação dos sexos pelo que havia edifícios reservados para ambos os géneros tal como nas outras instituições hospitalares. Apesar disso, alguns doentes do Hospital Colónia Rovisco Pais acabaram por namorar, e aproveitando as licenças ao exterior, uniam-se em matrimónio. Vivendo depois nos núcleos familiares, muitos destes casais tiveram filhos.” (Nogueira, 2022, p.74)

Enquanto durasse o internamento e tratamento dos pais, eram concedidos subsídios aos filhos menores que continuassem a estudar ou o internamento gratuito das crianças sãs na Creche ou no Preventório do HCRP. Quer a creche quer o preventório situavam-se fora do recinto hospitalar e tinham capacidade para 124 crianças. A creche acolhia os bebés nascidos no Hospital até aos três anos de idade e que por razões profiláticas não podiam residir junto dos pais. No preventório eram acolhidas também as crianças sãs nascidas fora da instituição, filhas de doentes, ou as crianças que transitavam da Creche. *“Numa fase inicial, quando alguns utentes do preventório atingiam determinada idade, eram encaminhados para escolas profissionais ou casa de educação e trabalho em Semide ou em Cantanhede, mas na década de 1970, a administração do Hospital adquiriu um autocarro para transportar os mais crescidos para as escolas e liceus de Cantanhede e da Figueira da Foz garantindo que prosseguissem os estudos, permanecendo até mais tarde no preventório.”* (Nogueira, 2022, pp.82-84)

Durante o internamento eram permitidas visitas dos filhos que residiam na Creche ou no Preventório aos pais. Estas visitas ocorriam no Locutório, situado junto à portaria, criado em 1962 para possibilitar que essas visitas fossem realizadas de acordo com as regras profiláticas (Nogueira, 2022, p.84).

Terminado o tratamento dos pais e concedida a alta hospitalar, deviam ser garantidas as condições económicas e sociais, como o sustento da família para que os filhos fossem de novo entregues à família. O serviço social do HCRP estendia a sua intervenção após a alta, concedendo auxílios monetários, aquisição de géneros como roupa, alimentos, mobílias, ferramentas. Alguns doentes, depois de curados e de terem alta clínica, tornavam-se funcionários do Hospital (Nogueira, 2022, pp.84-85).



Figura 46

Novidades (7.1.1950).

Fonte: Biblioteca Municipal de Coimbra



Figura 47
Preventório e Creche do HCRP.
Fonte: Hospital Colônia Rovisco Pais

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Arquidiocese de São Paulo. (s.d.). *São Lázaro de Betânia*. Arquidiocese de São Paulo. <https://arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/sao-lazaro-de-betania>
- Baptista, A. P. (2013, Fevereiro, 23). *Lepra – Evolução histórica do diagnóstico*. [Resumo da intervenção]. Núcleo de História de Medicina da Ordem dos Médicos.
- Bonhomini, J. P. (1514). *Ordenações Manuelinas*
- Costa, R. (2017, fevereiro, 23). *Coimbra: Hospital de S. Lázaro*. A' Cerca de Coimbra. <https://acercadecoimbra.blogs.sapo.pt/coimbra-hospital-de-s-lazaro-92218>
- Costa, R. (2017, maio, 27). *Hospital de S. Lázaro ou a história de uma demolição recente*. A' Cerca de Coimbra. <https://acercadecoimbra.blogs.sapo.pt/hospital-de-s-lazaro-ou-a-historia-de-100800>
- Costa, R. da, & Angotti-Neto, H. (2015, agosto, 19). *A lepra medieval e a Medicina metafórica de Ramon Llull (1232-1316)* [Apresentação em seminário]. I Seminário UFES de Paleopatologia, Centro de Ciências da Saúde da UFES, Brasil. https://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/med_2015-02-02_1.pdf
- Doria, J. L. (2015, setembro, 1). Apontamentos históricos sobre a lepra. *Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical*, 14, 109-115
- Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. (s.d.). *Lepra*. NOVA FCSH. <https://www.fcsh.unl.pt/faculdade/bibliotecas/tempos-de-doenca-tempos-de-cura/tempos-de-doenca/lepra/#recursos-rossio>
- Gomes, B. A. (1798). *Manuscritos de Bernardino António Gomes*. <https://am.uc.pt/item/47035>
- Gomes, B. A. (1820). *Ensaio Dermosographico ou succinta e systematica descrição das Doenças cutaneas, conforme os principios e observações dos doutores William, e Bateman, com indicação dos respectivos remedios aconselhados por estes celebres authores, e alguns outros*. Academia Real das Ciências
- Grzybowski A.; Sak J.; Pawlikowski J. & Iwanowicz-Palus G. (2013). Gerhard Henrik Armauer Hansen (1841-1912) —The 100th anniversary of the death of the discoverer of Mycobacterium leprae. *Clinics in Dermatology*, 31(5), 653-655.
- Markl, D. (1983). *Livro de Horas de D. Manuel: Estudo introdutório de Dagoberto Markl*. Crédito Predial Português; Imprensa Nacional-Casa da Moeda
- Namorado, S. (2007, novembro, 10). *O Hospital de S. Lázaro - primeiro hospital de Coimbra*. Centelha. <http://bloguecentelha.blogspot.com/2007/11/o-hospital-de-s-lzaro-primeiro-hospital.html>
- Nogueira, C. (2022). *História e memórias do Hospital Colónia Rovisco Pais*. Centro de Medicina de Reabilitação da Região Centro
- Rijksmuseum (s.d.). *Sancho I de Portugal*. Arts and Culture. <https://artsandculture.google.com/entity/sancho-i-of-portugal/m01lj2x?categoryid=historical-figure>
- Rocha, A. R. S. da (2011). *A institucionalização dos leprosos: O Hospital de S. Lázaro de Coimbra nos séculos XIII a XV* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]. Estudo Geral Repositório Científico da UC
- Rodrigues, S. (2018). *Bernardino António Gomes (1768-1823): 250 anos do nascimento, 206 anos da purificação do primeiro alcalóide*. De Rerum Natura. <https://dererummundi.blogspot.com/2018/10/bernardino-antonio-gomes-1768-1793-250.html>
- Sanches, A. N. R. (1756). *Tratado da conservação da saúde dos povos*. Casa de Bonardel e Du Beux.
- Serrão, J. (Direção). (1990). *Dicionário de História de Portugal* (Vol. 3). Livraria Figueirinhas



CÂMARA MUNICIPAL
COIMBRA



BIBLIOTECA
MUNICIPAL
DE COIMBRA



DESDE 1922

NO  DA
CIDADE
A LER
CONSIGO